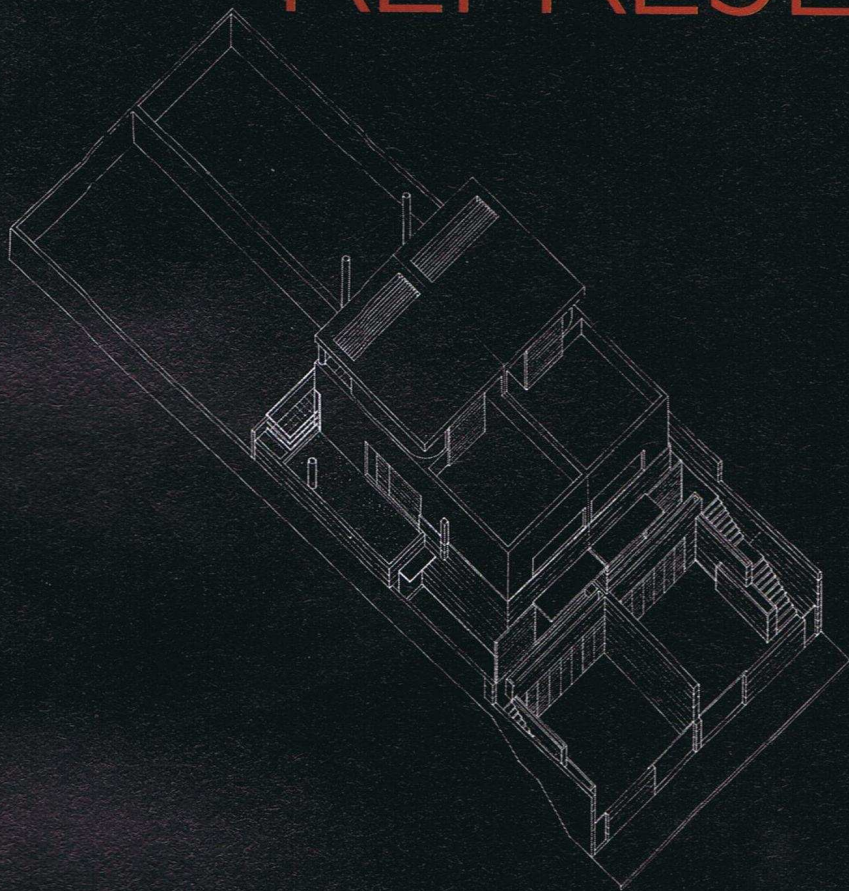


# A arquitectura como REPRESENTAÇÃO



A casa sem nome no nº 4939, de Clare Neves, apresenta-se como oportunidade para a reflexão sobre a transformação verificada, nos últimos 25 anos em Portugal, na casa individual burguesa

Texto crítico de Rui Ramos arquitecto

O QUE DETERMINA A ARQUITECTURA DE UMA CASA? O seu espaço doméstico, o que traduz?

Estas interrogações são pontos de partida para compreender a transformação que tem vindo a ocorrer nas últimas décadas na elaboração da casa como espaço de representação, logo identificador de um modo de vida.

Para responder a estas perguntas não será suficiente referir que a construção da casa é sempre um processo de múltiplas representações, que envolve diferentes personagens, cada uma no seu papel de construtor de um espaço onírico entre a terra e o céu de que os antropólogos falam. Não é suficiente, porque este processo é omnipresente na construção do território humanizado em diferentes gerações e culturas. Não basta porque a mudança do papel de arquitectos e habitantes é resultado de modificações globais das condições de vida, mas igualmente moldado por condições particulares que estimulam, em cada local, essas transformações.

A casa sem nome no nº 4939, de Clare Neves, apresenta-se como oportunidade para a reflexão sobre a transformação verificada na casa individual burguesa, nos últimos 25 anos, na sociedade portuguesa. Sinal

desta alteração é não só ditado pelo *lifestyle* dos seus habitantes, mas também pela forma como é operada a resposta do arquitecto a novos modos de vida e aos seus requisitos.

Esta casa baseia-se numa planta em que a escada – origem de toda a sua organização interior – tem uma posição central. A sua compartimentação decorre deste princípio. A escada é a chave não só da sua composição geométrica, simples e clara, mas também do espaço essencial da representação doméstica, na sequência de outros exemplos desde os palacetes urbanos dos finais do século XIX até hoje. A escada acumula, assim, diversas funções que não se esgotam na organização da circulação vertical e horizontal; ela é também espaço de centralidade da vida doméstica, espaço para onde todos os compartimentos se abrem e que capta a luz exterior, conduzindo-a até ao centro da casa. Neste sentido, o seu desenho e construção é evidente. A utilização do vidro temperado como guarda da escada, a abertura de vãos nos patamares intermédios e o uso de dois tipos de madeira como revestimento interior, conferem a este espaço contido uma sumptuosidade luminosa. Esta intencionalidade remete-nos para as escadas não só dos palacetes urbanos – de



outras dimensões mas com igual sentido de representação espacial de um modo de vida –, obras excepcionais como as de Norte Júnior ou de Ventura Terra, mas igualmente para a sua produção corrente. Esta outra produção quase anónima que saiu dos seus gabinetes, entre muitos outros, onde a escada e o espaço de circulação permanece como um elemento sempre excepcional mesmo nos programas domésticos mais modestos.

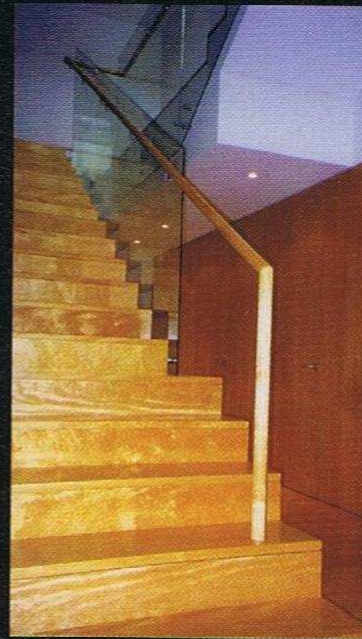
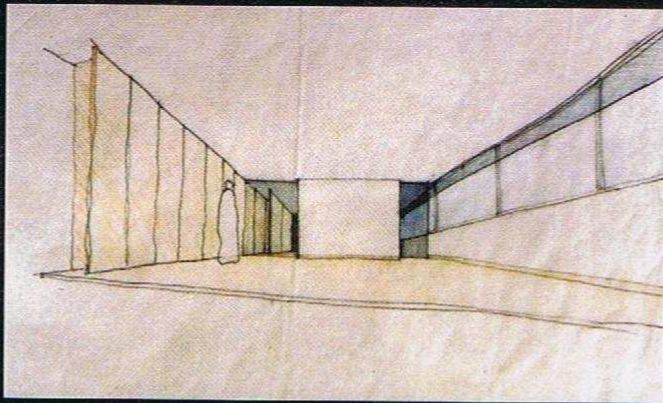
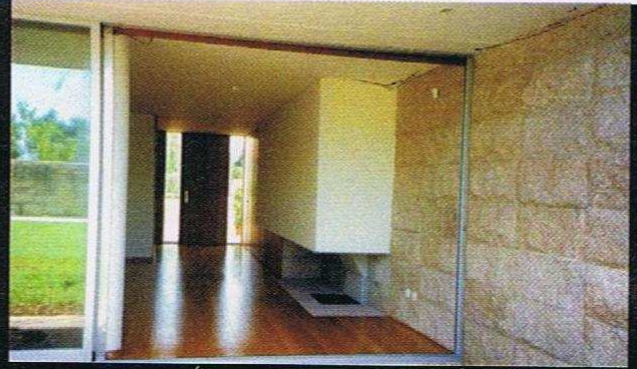
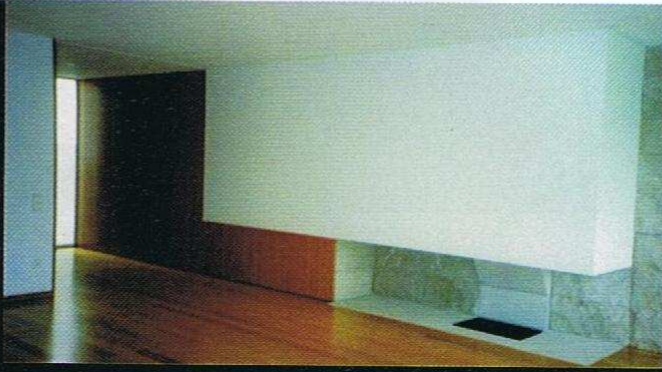
Esta atenção ao sistema representativo é também registado na escolha dos materiais e na construção da casa.

A utilização dos materiais, no interior e exterior, sublinha os valores que pretende evidenciar:

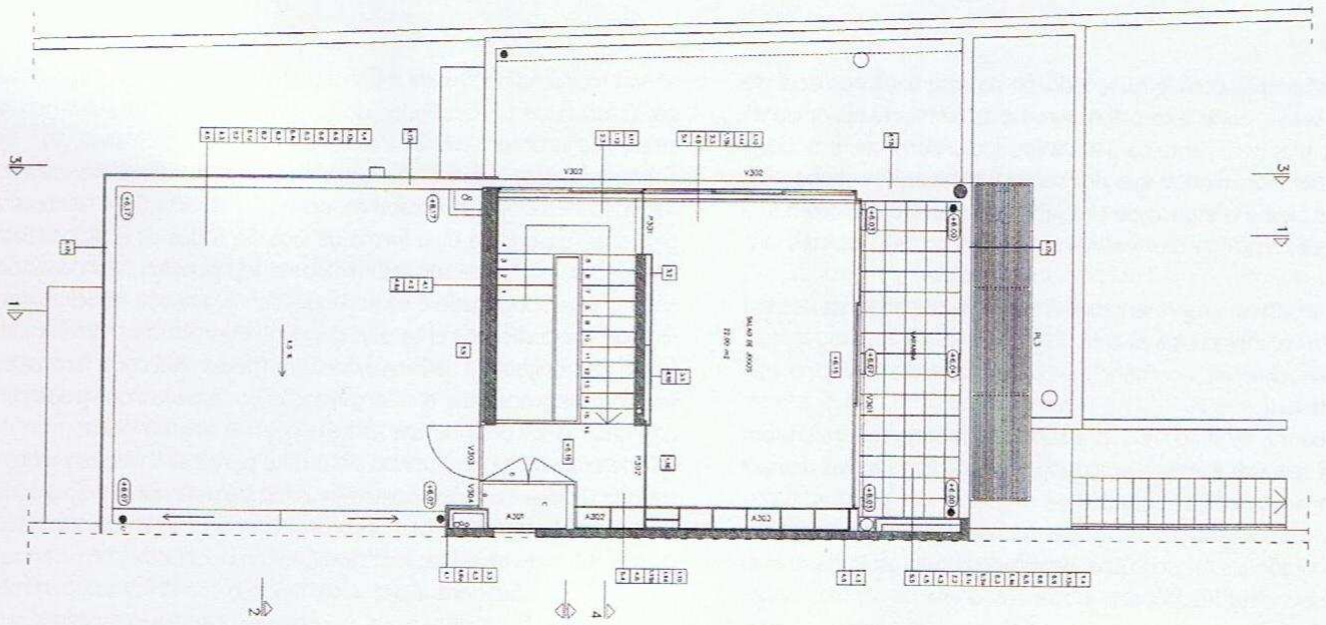
- o uso da pedra e da madeira sobre suporte sintético, que refere notoriedade, e a sua estereotomia articulada com o corte simples dos volumes edificados, que indica sobriedade e elegância;
- a harmonia morfológica da construção na sua relação com a rua ou com o jardim virado a sul, discrição e identidade de um estilo de vida ao qual a casa responde. Nesta óptica, a *casa sem nome* no nº 3949 aponta com a descrição necessária para as suas fontes e influências: a expe-

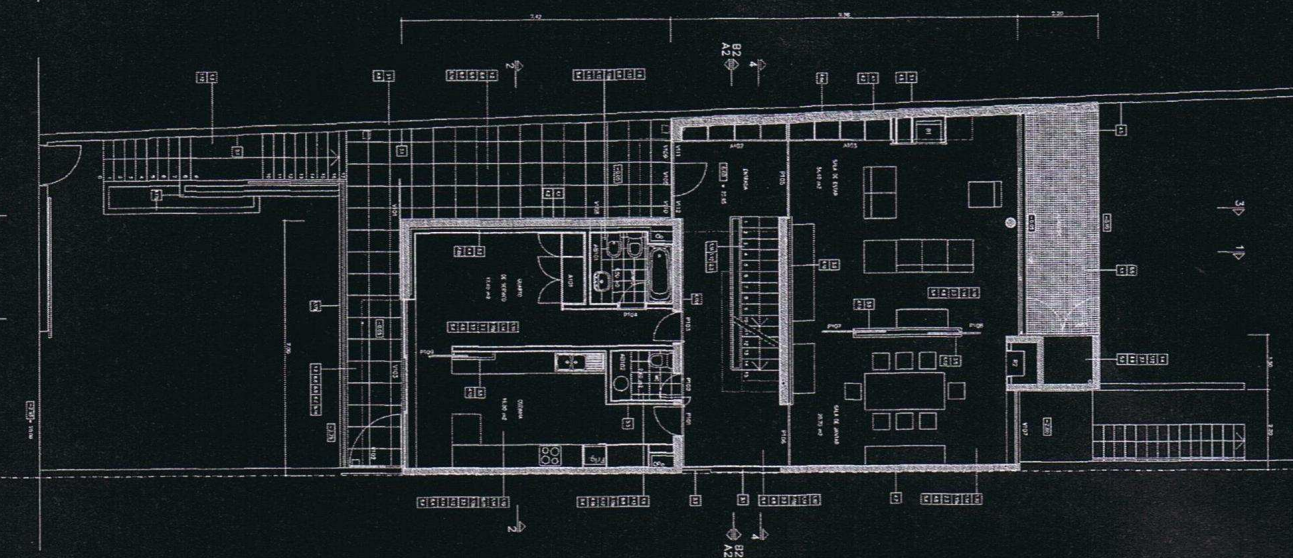
riência moderna conhecida e filtrada vem dos Quartiers Modernes Frugès (Pessac) de Le Corbusier; do Carlo Scarpa ou Mies van der Rohe através da incontornável leitura da obra de Souto de Moura.

Contudo, o que julgamos ser um dos aspectos mais relevantes na observação desta obra e do seu modo de representação é a intensidade pela qual responde a uma forma de vida. Se todos os edifícios falam da sua função, esta pode ser resumida pelo seu *glamour*, não deixando de manter uma sobriedade e eficácia que identifica o que poderíamos chamar de produção corrente que constrói, mesmo *sem nome*, a cidade. Existe na arquitectura de Fernando Clare Neves uma certa fascinação no registo da luminosidade e na organização dos espaços, que pode ser encontrada na envolveria das escadas que culmina no último piso numa sala de estar; ou na organização do quarto principal. Particularmente nestes dois últimos compartimentos (mas também na sala principal com extensão para o jardim), o uso de estores interiores de madeira e a sua organização – veja-se a ligação através de uma porta de correr entre sala de *toilette* com banheira e o quarto, tendo como única compartimentação as duas cabinas de vidro para o chuveiro e para o sanitário; ou ain-

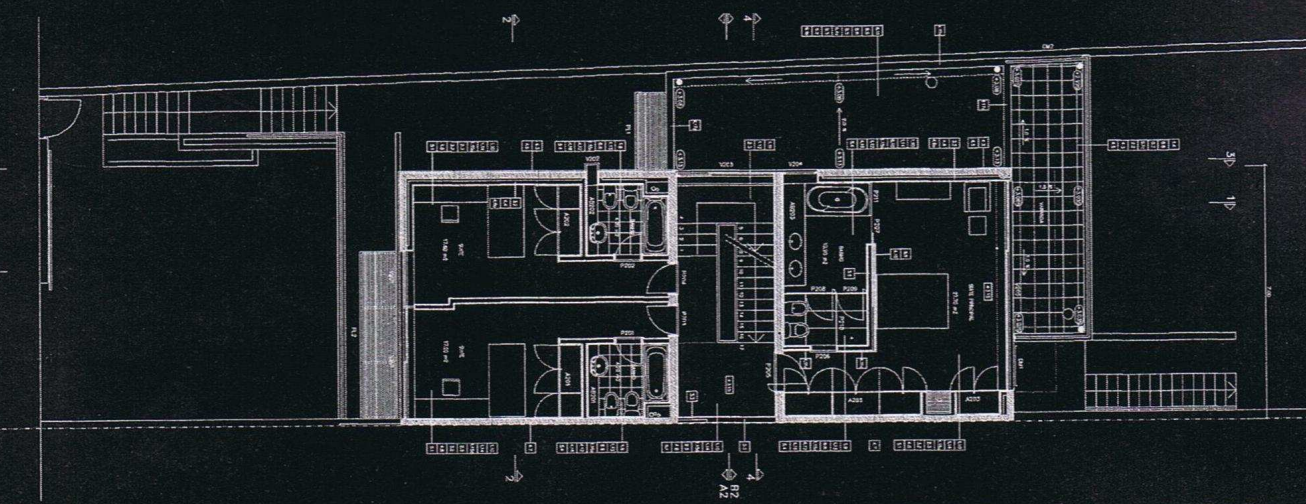


PLANTA DO RECUADO





ANTAS RÉS-DO-CHÃO - 1º ANDAR



a sala na cobertura aberta sobre o terraço exterior e sobre a escada exterior – conferem a estes espaços uma luminosidade licenciosa, própria de um espaço de uso privado.

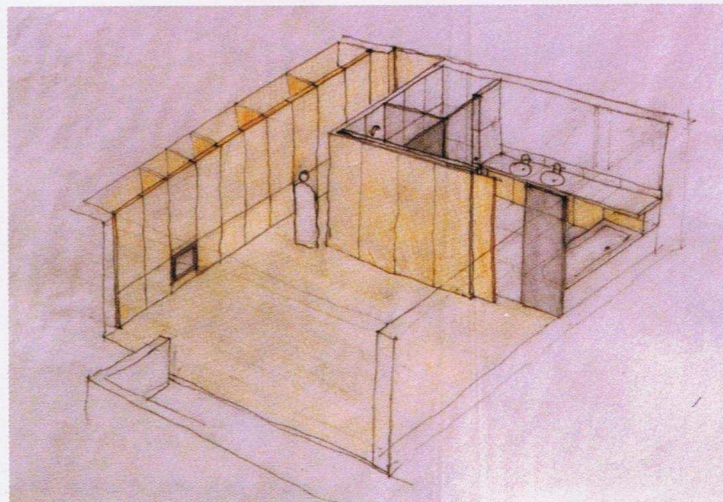
A convocação explícita destes aspectos para a arquitectura doméstica indica-nos uma mudança que valoriza outros aspectos do usufruto da casa e que respondem a perspectivas diferentes da vida e da forma de a viver.

Nas últimas décadas e na cena arquitectónica portuguesa, diversos exemplos podem ser indicados que aceitaram e incluíram na linguagem uma perspectiva glamorosa quer da vida privada quer social. Nesta perspectiva podemos referir a Casa de Ovar de 1981 de Álvaro Siza ou ainda a Casa 2 de 1983 em Nevogilde de Souto de Moura, situada a poucos metros desta que agora nos ocupa. A Casa de Ovar reúne um conjunto de dispositivos espaciais, associados a um sumptuoso uso da construção e dos seus materiais, que evidenciam tensões do seu espaço doméstico; isto reflecte-se, por exemplo, na organização interna das áreas de serviço, sociais e privadas, ou na sua articulação com o pé direito triplo que atravessa as diferentes zonas da casa associado à escada,

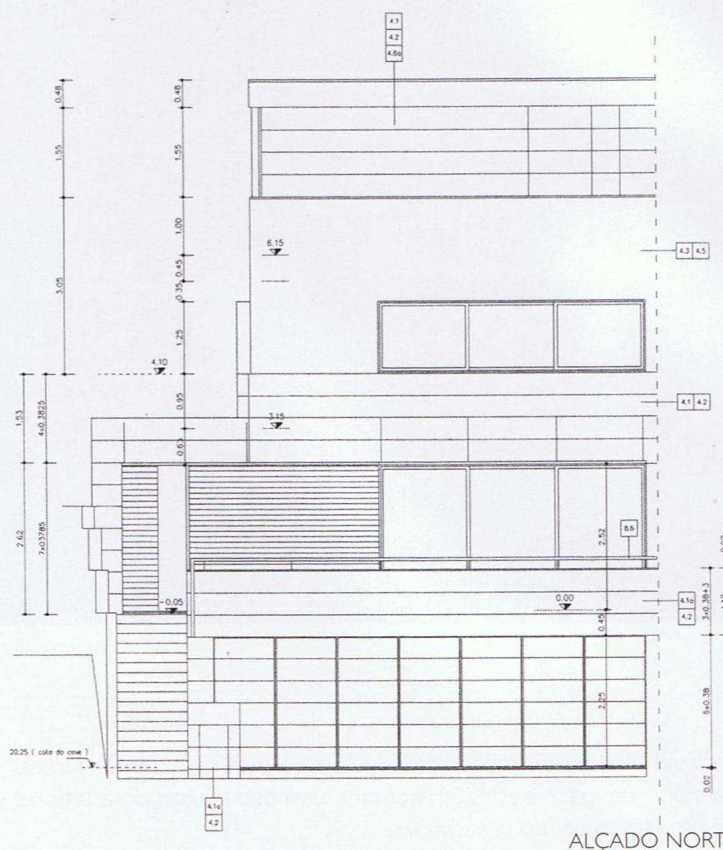
desde a entrada principal até à cobertura. Na casa de Souto de Moura, a piscina coberta situa-se ao lado da sala de estar na organização interna do espaço doméstico, sendo tratada como mais um compartimento de onde emerge um pilar vermelho; o uso de materiais nobres como o granito no revestimento exterior e o mármore em blocos maciços usado nos lavatórios, ou o desenho de uma fonte gotejante entre as ruínas projectadas da sua desconstrução exterior, indicam-nos uma arquitectura com uma visão palaciana da vida doméstica.

Na mesma época em que estas obras se realizavam, Nuno Portas, na introdução da exposição *Onze Arquitectos do Porto*, "Imagens Recentes" (1983), assinala na sua leitura dos trabalhos expostos a particularidade de uma produção arquitectónica que quase sempre faz uma opção "pura e dura", nada amável e muito menos contemporizadora com um gosto popular, para, interrogando-se, antecipar o seu destino: "por quanto tempo poderão vestir-se assim de vanguarda impopular? (...) que clientes de hoje serão capazes de aguentar esta linha de austeridade sofisticada e necessariamente elitista?"

A arquitectura portuguesa abandonou a linha pura e dura que a mar-



Suite principal e casa de banho



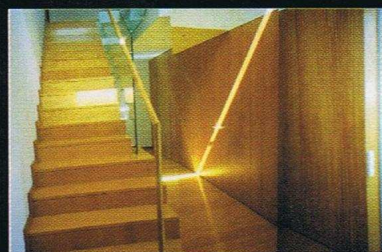
cava no início da década de 80 – da qual Casa de Ovar será um dos exemplos de charneira – sem revivalismos historicistas ou populares – sempre se desinteressou do nosso *learning from Trofa* –, para registarmos a sua passagem de uma “austeridade sofisticada” do projecto doméstico (mas não só) para uma sumptuosidade sofisticada.

Contudo, e numa perspectiva local, a aceitação glamorosa que agora é representada no espaço sofisticado da vida domestica é a opção decorrente das interrogações colocadas por Nuno Portas e da impossibilidade de reabilitar a lição da Trofa na sociedade portuguesa.

A arquitectura doméstica sublinha sempre um *lifestyle* e o entendimento que dele fazemos. Contudo, esta compreensão é hoje global e contaminada pela valorização de fenómenos extensos que caracterizam a sociedade ocidental na viragem de século, como a moda e a cultura da superfície comercial. O fim de uma visão dualista da história da arquitectura apontada por Robert Venturi e Scott Brown abriu a possibilidade de os arquitectos incluírem no seu repertório aspectos marginais a anteriores narrativas, permitindo, talvez, aproximar-nos do sonho de habitar que todos sonhamos.

## FICHA TÉCNICA

NOME Casa na Avenida da Boavista  
 LOCALIZAÇÃO Avenida da Boavista, Porto  
 ARQUITECTURA  
 E COORDENAÇÃO GERAL DA OBRA Fernando Clare Neves, arq.  
 FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS Luís Godinho Meira, eng.  
 CONSTRUTOR Ladário, lda  
 FISCALIZAÇÃO Época, lda  
 PROJECTO 1997/1998  
 OBRA 1998/2001  
 FOTOGRAFIA Fernando Clare Neves, arq.



## NOTAS DE AUTOR

Esta habitação unifamiliar pertence a um conjunto de duas casa gémeas projectadas pelo autor para dois terrenos contíguos localizados na Avenida da Boavista, no Porto, em substituição de um conjunto de duas casas geminadas em mau estado de conservação, que terão sido construídas em 1930/1940.

A proposta de demolição de tais casas resultou da ponderação das deficientes condições de habitabilidade proporcionadas pelas mesmas, em virtude das dimensões do piso térreo (7 metros de frente por 22 metros de profundidade), assim como dos constrangimentos que tal geometria do rés-do-chão impunha ao jardim sobranceiro. De facto, a excessiva profundidade deste piso não libertava área nem profundidade suficientes para a existência de um jardim no logradouro voltado a sul. A estes factores acrescem ainda óbvias dificuldades, se não mesmo a impossibilidade, em realizar um piso em casa sob os edifícios existentes, destinado a garagens e arrecadações, já que a alternativa de construir tais garagens no logradouro voltado a sul anularia definitivamente a possibilidade de criar qualquer jardim.

No novo conjunto de casas geminadas, foi realizada até à presente data esta habitação, que constitui, portanto, a primeira, estando prevista a construção da segunda para breve. Sendo em consideração este pressuposto da construção de duas habitações gémeas, iguais, não existiu, portanto, qualquer intenção de harmonizar esta casa com a habitação antiga que ainda permanece no terreno contíguo.

A geometria do lote é um rectângulo com 10 metros de frente por 50 metros de profundidade, cuja maior dimensão está orientada segundo o eixo norte-sul. A frente do lote, voltada à Avenida da Boavista, está orientada a norte, o que favorece a criação de um jardim exposto a sul, no logradouro.

A cota natural do terreno encontra-se um piso acima do nível da Avenida da Boavista, situação que permitiu a realização de uma cave destinada a estacionamento, arrecadações e lavandaria, implantada de nível com o acesso ao terreno a partir da Avenida da Boavista. Esta cave dispõe, portanto, de uma fachada totalmente iluminada na frente da casa, através da qual se realizam os acessos às garagens e à zona de serviços-arrumos.

O rés-do-chão implantou-se, portanto, à cota natural do terreno, pelo que surge elevado um piso relativamente ao acesso ao terreno.

Este piso contempla a sala de estar e de jantar, voltada a sul, para beneficiar da maior luminosidade, e para usufruir das vistas sobre o jardim e sobre a piscina. A relação espacial entre a sala e o jardim é filtrada através de um alpendre estendido ao longo da fachada Sul.

A cozinha e uma sala para estudo e recreio das crianças ocupam o lado Norte do piso térreo, com vista directa sobre a entrada no terreno. Estes dois espaços foram concebidos como espaços articulados em continuidade espacial, através de uma generosa porta de correr que vence a totalidade do pé direito, no intuito de permitir uma utilização simultânea e complementar destes dois espaços: a existência de uma sala para estudo e recreio das crianças em contacto directo com a cozinha permite que quem se encontrar nesta última possa acompanhar e vigiar as actividades das crianças.

O 1º andar é integralmente destinado à zona íntima, sendo ocupado pela suite do casal,

aberta a sul sobre o jardim, e pelas duas suites individuais destinadas aos filhos, voltadas a norte à Avenida da Boavista.

A casa de banho da suite do casal foi concebida como espaço interligado com o quarto, razão pela qual só foram isolados os espaços que exigem um maior controlo da privacidade. A cabina de chuveiro e a cabina sanitária são separadas entre si, e relativamente ao espaço ocupado pelos lavatórios e pela banheira de hidromassagem, por vidros temperados transparentes. Este último espaço contacta directamente com o quarto através uma generosa abertura a toda a altura do pé direito, controlada por uma porta de correr.

O último piso, 2º andar, ocupa apenas metade da área da casa, destinando-se a uma biblioteca transparente, rasgada por aberturas horizontais no seu perímetro exterior, tipo "ecrã de televisão", no intuito de proporcionar a contemplação filtrada dos jardins existentes nos logradouros voltados a sul.

Dois intenções fundamentais constituem o fio condutor deste projecto:

— a afirmação de um conceito de espaço contínuo e unificador, como recurso para assegurar uma percepção global do espaço, esbatendo as fronteiras entre os diversos acontecimentos-espacos que ocorrem na casa no intuito de ultrapassar os constrangimentos impostos pela reduzida largura do lote. Deste modo, a percepção do espaço sugere a leitura de um espaço sem limites, logo maior, através da recusa de uma lógica espacial aditiva de espaços autónomos e independentes;

— estabelecer uma articulação espacial que assegure versatilidade no modo de habitar os espaços, em virtude de necessidades distintas que ocorrem ao longo do dia: aberto, em continuidade, quando a utilização do espaço dispensa o controlo da privacidade; em simultâneo, a possibilidade de, mediante o recurso a grandes portas de correr ou batentes, que vencem a totalidade do pé direito, alterar radicalmente as condições de utilização dos espaços, permitindo fechar os limites do espaço, anteriormente ocultos, de modo a assegurar maior privacidade.

A afirmação de um contínuo espacial estendeu-se ao tratamento das superfícies, de modo a que as mesmas anulassem a percepção dos limites das formas-objects: a transição entre as diversas superfícies é assegurada apenas pelas juntas, no intuito de, evitando a afirmação de remates autónomos, afirmar uma leitura de continuidade ao nível da imagem do edifício.

A imagem exterior do edifício resulta do diálogo entre dois materiais que afirmam espaços-programas distintos: a zona íntima é revestida com um material delicado, um reboco areado; a zona pública, constituída pelos espaços voltados à Avenida da Boavista, é revestida com uma placagem de granito amarelo e painéis de madeira, materiais mais duradouros.

Esta placagem resultou da intenção de criar uma métrica que ordenasse a imagem exterior do edifício, estabelecendo uma malha compositiva que assegurasse uma imagem de unidade e continuidade entre dois materiais distintos: o granito, no revestimento das fachadas; e os painéis de madeira, no revestimento dos vãos e portões.

A regularidade da trama de composição e a ausência de remates na transição entre estes dois materiais permite esbater a respectiva materialidade, afirmando uma imagem unitária pontuada por acontecimentos: os vãos exteriores, revestidos a madeira, encontram-se no mesmo plano da fachada, revestida a granito, não existindo qualquer remate que os distinga, sendo a transição assegurada exclusivamente pelas juntas.